NAS BANCAS

Mitos, ídolos e heróis. E as portas estreitas do futebol

RAQUEL DO CARMO SANTOS
kel@unicamp.br

O jogador de futebol Cafu, capitão da seleção brasileira campeã do mundo em 2002, é freqüentemente visto como um exemplo a ser seguido por todos aqueles que pretendem abraçar a carreira. Cafu teria participado de nove "peneiras" – processo de seleção por meio do qual garotos de diversas idades tentam uma vaga nas categorias de base do futebol – até ser aceito no São Paulo, clube que o projetou. "Este exemplo passa uma falsa idéia para o garoto que sonha em ser jogador", argumenta o educador físico Sérgio Settani Giglio.

'Peneiras' alimentam aspirações de garotos

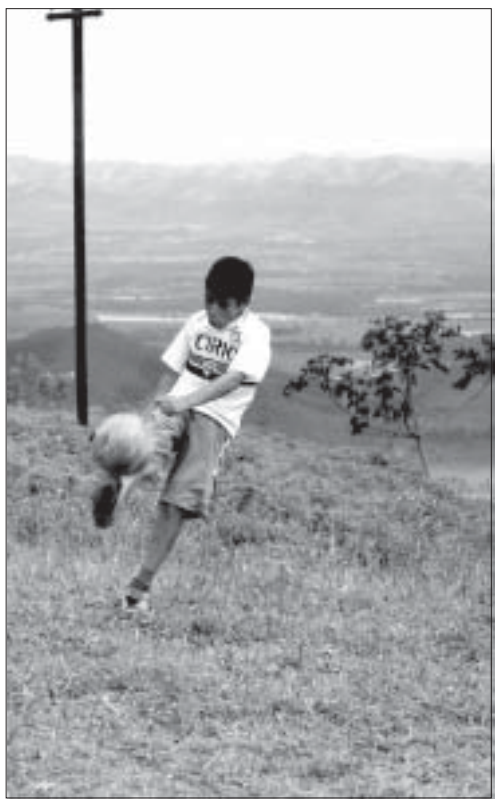
As "peneiras", afirma Giglio, têm uma função social importante, pois para muitos se constituem na única forma de alcançar um espaço nos clubes. Por outro lado, pondera o pesquisador, existem vários fatores a serem colocados na balança. "A carreira não é tão fácil quanto parece. As 'peneiras' são uma porta estreita para os garotos que tentam ingressar em um clube de futebol. Muitos são expelidos do processo. São milhares de pessoas que ficam pelo caminho", destaca.

Orientado pelo professor Sergio Stucchi, Giglio desenvolveu trabalho de mestrado, junto à Faculdade de Educação Física, para tentar entender melhor o universo do futebol. A partir de análises de depoimentos de nove futebolistas e de dois ex-jogadores, o educador físico tece comentários sobre o que representa ser um jogador de futebol, e a influência dos ídolos e heróis no âmbito do esporte.

Nenhum dos entrevistados chegou à profissionalização por meio das "peneiras" e, em todos os casos, foi ressaltada a importância de se ter um contato dentro dos clubes. "O início de cada um deles foi marcado por muitas incertezas e atropelos", revela Giglio.

Além do processo demorado, a aceitação do profissional em um determinado clube não significa, necessariamente, a garantia de emprego. "O jogador pode ser excluído do processo a qualquer momento. Uma questão que se coloca é o que fazer depois dessa fase", indaga. Em um dos depoimentos, o entrevistado afirma ter permanecido em plena atividade num clube, dos 11 aos 17 anos de idade, e, quando estava prestes a se tornar jogador profissional, foi dispensado porque sua postura física não se enquadrava nos padrões exigidos pela agremiação.

Fotos: Antonio Scarpinetti



Garotos jogam futebol na periferia de Pindamonhangaba, interior de São Paulo: sonho de milhares fica no meio do caminho

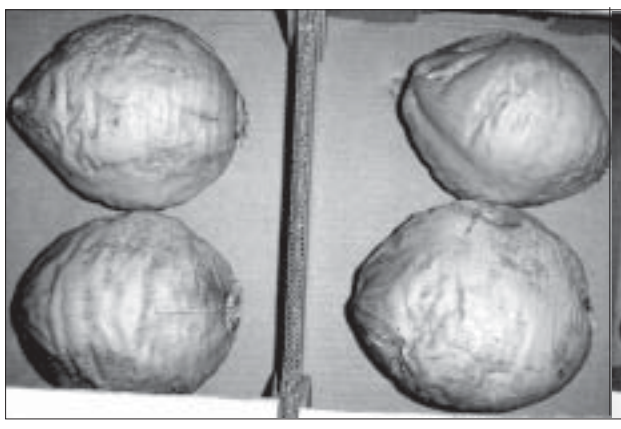
Giglio cita ainda um estudo realizado pelo acadêmico Arlei Damo. Segundo o especialista, a quantidade de horas treinadas por um jogador de futebol ao longo de sua carreira corresponde ao tempo necessário para se concluir dois cursos no ensino superior. "Trata-se de uma atividade bastante intensa".

O pesquisador lembra que os jogadores com bons salários são uma minoria no Brasil. Assim como o número de profissionais com registro na Confederação Brasileira de Futebol (CBF) também representa um universo pequeno frente ao número de crianças que sonham com a carreira. Atualmente, estão inscritos na CBF dez mil jogadores profissionais.

A pesquisa lançou mão de elementos da Antropologia para fazer uma distinção entre o ídolo e o herói. Estas figuras, segundo o educador, são exploradas de várias formas pela mídia. Na concepção do pesquisador, a diferença entre os dois concentra-se, justamente, no início de sua construção. "Enquanto o ídolo necessita de fatores cotidianos e demanda um tempo de formação para ser construído, o herói nasce em uma situação bem demarcada – tempo mítico –, em que um feito específico pode deflagrar a imagem".

Para Giglio, o ídolo precisa ter uma boa imagem vinculada ao clube e à torcida. "Este vínculo leva um tempo para ser consolidado", explica. Já o herói, segundo o educador físico, pode aparecer por salvar uma bola no limite do tempo ou fazer o gol do título, em uma situação bem delimitada – numa final de campeonato, por exemplo.

O educador observa que, neste processo de influência, o ídolo será apenas um dos fatores dentre outros que podem levar ao sonho da carreira futebolística. "Não é só o desejo de ser igual, mas a família, a possibilidade de ascensão social e outras questões também permeiam este universo", destaca Giglio.



Biofilme prolonga vida útil do coco verde

Pesquisas mostram que, sob refrigeração, o coco verde permanece bom para consumo por 16 dias, em média. Embalado com filme de PVC, o fruto tem uma vida útil de 30 dias. Entretanto, para a exportação, o prazo é considerado exíguo, tendo em vista o espaço de tempo entre a colheita e a chegada ao consumidor. Por isso, alternativas para prolongar a conservação pós-colheita do coco verde são bem-vindas. Neste sentido, a engenheira Josane Maria Resende realizou vários testes, revestindo o fruto com biofilme desenvolvido a partir de quitosana e gelatina de pele suína. O resultado foi o aumento da vida útil do produto em até 40 dias.

Os testes foram realizados na Faculdade de Engenharia Agrícola (Feagri), sob orientação da professora Marlene Rita de Queiroz. Josane recorreu aos polímeros existentes no mercado e adaptou o material para ser usado como revestimento biodegradável. "A idéia foi prolongar a conservação do coco variedade anão verde, sem alterar as qualidades sensoriais e nutritivas da água contida nele. Isso possibilitaria maior tempo para a sua comercialização", explica a engenheira.

As embalagens foram desenvolvidas com três materiais diferentes – gelatina de pele suína, quitosana e carboximetilcelulose – sendo que, em determinados testes, a engenheira optou por fazer uma mistura dos materiais. Apenas o biofilme de carboximetilcelulose não se mostrou eficiente nos testes. De acordo com a pesquisadora, o material é incompatível com as outras substâncias.

As amostras foram retiradas a cada dez dias de armazenamento para diversas análises, inclusive sensoriais. Os biofilmes à base de quitosana, gelatina e da mistura de quitosana e gelatina apresentaram melhor desempenho na conservação da água de coco. O biofilme de quitosana, entretanto, teve melhor resultado e conservou mais adequadamente as características nutricionais e sensoriais da água de coco, o que proporcionou, conseqüentemente, maior aceitação do consumidor e melhor aparência do fruto.

A quitosana tem variadas aplicações, entre as quais, o tratamento de queimaduras e o controle de microrganismos. Já a gelatina é eficiente por proporcionar biofilmes com boas propriedades físicas. Por isso, os dois tipos de materiais foram os que obtiveram os melhores níveis de aceitação para o consumo.

O corpo, Klauss Vianna e a dança contemporânea

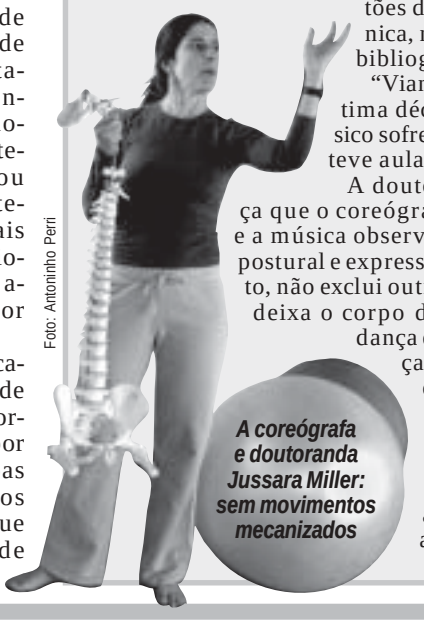
A dança contemporânea vem, desde os anos 1970, ganhando cada vez mais adeptos, atraindo o público para os teatros. "É um rompimento com a mecanização dos movimentos. Ao contrário do que ocorre com o balé clássico, eles não são prontos e fechados. São mais soltos e exigem um olhar mais apurado para o próprio corpo", destaca Jussara Miller, coreógrafa e doutoranda em Dança do Instituto de Artes da Unicamp. Ela lança no dia 5 de setembro, às 19 horas, o livro "A escuta do corpo: sistematização da técnica Klauss Vianna", na livraria Fnac, em Campinas.

A publicação, editada pela Summus Editorial, traz uma abordagem inédita de Klauss Vianna, um dos precursores da dança contemporânea no Brasil. O diferencial no trabalho de Jussara é abordar uma sistematização dos princípios do coreógrafo e, até mesmo, propor procedimentos para quem deseja iniciar neste conceito. "O enfoque é para a prática corporal em sala de aula", destaca. Segundo a pesquisadora, a figura de Vianna é muito estudada no meio acadêmico nas questões de semiótica. Sobre os princípios da técnica, no entanto, há uma grande carência de bibliografia.

"Vianna influenciou várias gerações e, na última década, até mesmo o ensino do balé clássico sofreu transformações", explica Jussara que teve aulas com Klauss, na década de 1990.

A doutoranda destaca que não foi só na dança que o coreógrafo marcou época. "Também o teatro e a música observam sua técnica para uma reeducação postural e expressão do movimento. A técnica, no entanto, não exclui outros estilos de dança. Pelo contrário, ela deixa o corpo disponível para performance, para a dança e para o canto. Os profissionais de dança têm percebido nos movimentos da dança contemporânea uma maneira mais orgânica de trabalhar o corpo", acredita Jussara. Ela destaca ainda que as oportunidades para a produção artística da dança contemporânea têm aumentado, facilitando, com isso, o acesso e formação de público.

Foto: Antoninho Perri



A coreógrafa e doutoranda Jussara Miller: sem movimentos mecanizados